

Do lugar das pesquisas em língua em uso e ensino nos Estudos da Linguagem

Ana Célia Santos¹

Barbara Delgado Azevedo²

O volume 26 da *Revista Gatilho*, primeiro do ano de 2024, inicia apresentando uma reflexão sobre o lugar das pesquisas sobre ensino dentro do macro campo da Linguística. Essa discussão se faz importante porque essa área é uma das mais prolíficas dos Estudos da Linguagem, gerando centenas de contribuições em forma de pesquisas todos os anos, que influenciam o processo de ensino e aprendizagem de línguas, a formação inicial e continuada de professores e também o trabalho docente propriamente dito.

Historicamente, há dentro da Linguística uma divisão entre os campos teórico e o aplicado, que muito representa sua busca por uma legitimação científica dentro do modelo racional-tecnológico do paradigma positivista (Fonseca, 2001). Se de um lado há uma ramificação mais cientificista, teórica, com métodos supostamente mais rigorosos e objetivos, ou seja, que se quer sem a influência do mundo social, do outro há uma linguística hipoteticamente menos científica, mais prática, com métodos *menos cuidadosos*, posto que influenciados pelo contexto de fala. Assim, como resultado, há uma compreensão que desvaloriza pesquisas voltadas para a sala de aula como investigações legítimas da grande área da Linguística, vinda mesmo por docentes das Letras.

O surgimento da subárea da Linguística Aplicada (LA) concretiza essa divisão entre *linguísticas*, cabendo à LA os estudos em ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras no início do século XX, quando há uma grande influência das propostas do Estruturalismo em campos diversos do conhecimento. Assim, da mesma forma que outras áreas do conhecimento, como a Semiótica, a Psicologia e a Literatura, a LA teve como base metodológica inicial a aplicação das teorias desenvolvidas pela Linguística Tradicional. Em outras palavras, o começo da LA como disciplina da Linguística foi marcado por certa tarefa de transformar o conhecimento "real", a teoria, em práticas.

Muitas das críticas em relação à LA têm origem nessa fase inicial, como a acertada declaração feita por Noam Chomsky em 1971, na qual dizia: “francamente, sou muito cético sobre a significância, para o ensino de línguas, de tais *insights* e compreensões conforme

¹ Mestranda em Linguística - UFJF. E-mail: ana.santos@letras.ufjf.br

² Doutoranda em Linguística – UFJF. E-mail: barbaradelgadoa@gmail.com

demonstrados na Linguística e na Psicologia” (p.153). Essas críticas estavam ligadas, primordialmente, à compreensão de que o estudo de estruturas profundas sobre o funcionamento da linguagem - conforme o programa de pesquisa idealizado por Chomsky - não influenciaria diretamente a prática de ensino de línguas. Dessa forma, pode-se compreender por que os trabalhos científicos voltados para o ensino de línguas não eram compreendidos como parte da grande área da Linguística.

Ao mesmo tempo, é bem verdade que eles se limitavam a aplicar o que era proposto nos Estudos da Linguagem em contextos práticos. Essa crítica é reconhecida atualmente mesmo dentro do campo da LA, que agora compreende que os meios para o ensino devem ser desenvolvidos especialmente pensando neste propósito, considerando a situação real dos sujeitos. Deste modo, à medida que a LA e as pesquisas sobre o ensino de línguas avançam no tempo, essa compreensão de mera aplicação de propostas teóricas é abandonada completamente. De fato, ao longo dos anos há uma mudança radical nessa perspectiva: de aplicação, a Linguística *Aplicada* passa a ser compreendida como “um modo de criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central” (Moita Lopes, 2006, p. 14) - perdendo, inclusive, o interesse central no ensino e abarcando outras questões do mundo social.

Ainda assim, as críticas e a desvalorização das pesquisas sobre o ensino dentro do campo da Linguística seguem até os dias atuais. A concepção de que esse ramo dos Estudos da Linguagem é *menos científico* perpassa vários discursos de outras áreas da Linguística, que apontam de problemas de metodologia à validação das temáticas (Fonseca, 2001), apesar da ampla gama de produções que comprovam seu caráter científico.³

De forma paradoxal, tal preconceito em relação à LA pode ser explicado pela desvalorização da carreira e da atividade docente dentro da própria Universidade. Essa desvalorização tem muita relação com a própria estrutura nacional universitária que vê o trabalho docente como cotidiano, e a pesquisa como critério de produtividade. Como nos lembra Almeida, “a remuneração por mérito ou produtividade faz-se presente por meio de políticas de apoio, incentivo e bolsas. A avaliação individual e institucional sustenta-se em medições dos recursos angariados e do impacto do prestígio alcançado” (Almeida, 2012, p. 51-52).

³ Cf. sobre a metodologia Almeida Filho, 2020; Queiroz, 2024; Castañeda-Londoño, 2024, dentre outros; sobre a temática, cf. Freire, 1981, 1997; Bohn, 2013; Miller, 2013, Gadotti, 2007, dentre outros.

Porém, a discussão sobre a desvalorização das práticas docentes na Universidade não impede que haja inúmeros pesquisadores que se dediquem à pesquisas sobre ensino. Mas, certamente, é possível compreender que, dentro de uma hierarquia de valorização das áreas na Universidade, considerando também o que foi exposto sobre o discurso acerca do rigor científico, aqueles que se dedicam ao ensino são frequentemente postos em posições inferiores em relação a campos da dita “ciência hard”. Assim, compreendemos a perspectiva de Motta-Roth (2011, p. 22) de que “o desconhecimento de alguns cientistas sobre como se faz ciência em todas as áreas (sim, também se faz ciência da maior importância nas áreas humanas!) faz agravar a desvalorização da educação no trabalho intelectual”.

Contrariando esse cenário, a produção voltada para reflexões sobre a educação linguística tem avançado e gerado grandes contribuições para o país. Na Universidade Federal de Juiz de Fora, por exemplo, podemos citar o trabalho de diferentes grupos de pesquisa e de pesquisadores que vêm produzindo sentido para o fazer educacional, tanto no Programa de Pós Graduação (PPG) em Linguística, como no PPG em Educação, e ainda no Mestrado profissional em Letras. Esses trabalhos contribuem e geram efeitos imediatos na produção de novas perspectivas educacionais e, conseqüentemente, na construção de novos sentidos sociais, uma vez que avançam na formação de professores tanto de modo inicial quanto continuamente, assim como no trabalho docente tanto nas escolas básicas quanto na Universidade.

A partir dessa reflexão, buscamos atacar um discurso amplamente difundido, embora ainda muitas vezes de maneira dissimulada, de que a pesquisa sobre educação linguística é um campo de menor valor, sobretudo devido ao grande fluxo de trabalhos realizados. Infelizmente, dada a repetição desses discursos, eles acabam formando um campo discursivo potente mesmo dentro do curso de Letras, lugar em que se formam, primordialmente, professores. Deste modo, defendemos uma outra formação discursiva, aquela que entende não ser mais possível deixar de valorizar e compreender a cientificidade de pesquisas que se voltem para o trabalho educacional.

Nesse espírito, a *Revista Gatilho*, em sua primeira publicação de 2024, apresenta seis belos trabalhos desenvolvidos em diferentes frentes da pesquisa linguística, que têm em comum em suas propostas analisar e discutir questões relevantes para as interações mediadas pelo uso da linguagem em situações institucionais, sociais e de ensino de línguas. Isso reforça um compromisso, já demonstrado pela *Gatilho*, de oferecer espaço para discussões que, por vezes, são tidas como periféricas nos estudos da linguagem. Tal abertura inclui a

oportunidade de graduandos, graduados e pós-graduandos poderem compartilhar suas experiências de formação, o que é exemplificado pelo relato de experiência incluído nesta publicação. Conforme veremos rapidamente na apresentação de cada um dos textos, a maioria deles se fundamenta na chamada “linguística soft” para analisar seus dados - e, assim, aumentar nossa compreensão sobre o fenômeno linguístico a partir de uma perspectiva de uso.

Primeiramente, temos o trabalho *Gêneros textuais em contextos reais de uso: estratégias de ampliação do repertório linguístico e discursivo*, escrito por Fábio Leandro Andrade Ribeiro, também se preocupa com o ensino de línguas, em especial pela possível contribuição da produção de gêneros textuais para tal. O objetivo apresentado pelo autor é demonstrar como o trabalho com a língua, a partir de produções de gêneros textuais e por meio de sequências didáticas, deve colocar o texto como objeto central no estudo, e o estudante como protagonista do processo de aprendizagem. Para demonstrar isso, e considerando as diretrizes propostas pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais* e pela *Base Nacional Comum Curricular*, bem como as contribuições teóricas de Antunes, Marcuschi e Benveniste, o autor mostra sua pesquisa de prática educativa desenvolvida em uma escola pública de Ensino Fundamental, que, segundo ele, impactou positivamente a aprendizagem dos estudantes.

Além do ensino de português como língua materna, a preocupação com o ensino de Português como Língua Adicional (PLA) também aparece entre os trabalhos publicados. Elisa Novaski Cordeiro e Gabriela Werner Vieira Gonçalves enriquecem o debate sobre o assunto, cada vez mais recorrente nos ambientes de debate sobre o ensino de línguas, com seu trabalho *A discussão sobre estereótipos culturais como tema de uma Unidade Temática de Português como Língua Adicional em contexto de imersão*. O objetivo do trabalho é apresentar uma unidade temática (UT) e seus desdobramentos a partir de sua aplicação para uma turma de alunos estrangeiros participantes do Programa de Extensão Universitária Português para Falantes de Outras Línguas (PFOL), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), campus Curitiba (CT). Elas também se propõem a problematizar questões culturais relacionadas à elaboração e aplicação de material didático (MD). A unidade temática apresentada, conforme discutido pelas autoras, buscou promover discussões e reflexões em torno de estereótipos culturais, o que gerou repercussões na turma, observadas principalmente a partir das produções finais dos alunos. Além disso, foi possível explicitar a

relevância que o MD dispõe, o que aponta para a necessidade de se discutir e produzir materiais culturalmente sensíveis.

O terceiro artigo desta publicação faz uma imbricação das duas faces da Linguística destacadas anteriormente: a perspectiva de língua em uso relacionada ao ensino de línguas. De modo mais geral, Wuilton de Paiva Ricardo introduz uma discussão sobre a relação entre concepções de linguagem e gramática e o processo de ensino-aprendizagem de língua materna, mostrando como este processo está longe de se limitar à gramática. Seu trabalho *Do representacionismo ao pragmatismo: as diferentes visões de linguagem e de gramática e seus efeitos no processo de ensino-aprendizagem de língua materna* tem como objetivo refletir sobre o ensino de língua portuguesa conforme o debate secular entre duas formas de compreensão acerca da linguagem humana: a linguagem como representação do mundo e a linguagem como ação, interação. Entre os questionamentos do autor está a efetiva consideração de uma perspectiva pragmática no ensino de língua portuguesa para além de apenas uma *boa intenção*. Para refletir sobre o assunto, Ricardo analisou o *Guia do Livro Didático de Língua Portuguesa* a partir das visões de linguagem representacionista e pragmática, buscando contribuir tanto para o estudo de uma historiografia linguística quanto para o ensino de língua portuguesa na contemporaneidade.

A seguir, temos o texto *A relação de topicalização como recurso para a negociação de faces e territórios: uma abordagem interacionista*, desenvolvido por Daniel Martins de Brito. Considerando uma abordagem interacionista, em especial as contribuições teórico-metodológicas da Escola de Genebra, o autor busca analisar um excerto de uma entrevista jornalística publicada pela *Folha de S. Paulo* e protagonizada pelas jornalistas Fernanda Mena (entrevistadora) e Nikole Jones (entrevistada). Conforme o título sugere, o objetivo do autor é analisar o papel que a relação de topicalização desempenha na gestão de faces e territórios. De acordo com Brito, a topicalização contribui para a proteção da face e do território dos interlocutores, uma vez que auxilia o locutor a impedir ou tentar impedir eventuais objeções do interlocutor, e a este a se proteger de uma intervenção ofensiva.

Outra pesquisa preocupada em analisar as interações entre interlocutores em uma dada situação comunicativa foi desenvolvida por Maria Vitória Martins Souza, em trabalho intitulado *A interação na Câmara Municipal de Piri-piri: as pistas de contextualização e o uso das estratégias de polidez nas sessões ordinárias*. Neste caso, o objeto de análise da pesquisadora são sessões ordinárias na referida Câmara Municipal de Piri-piri do título. A partir desse *corpus* de análise, a autora investiga a dinâmica interacional nessas sessões

enquanto contexto institucional, dando ênfase a estratégias de polidez. Seu trabalho considera os postulados da Sociolinguística Interacional, em especial as publicações de Gumperz e seguidores, com apoio em Levinson, Brown, Goffman, e em alguns conceitos, ainda, de Hymes. A partir de sua análise, a autora observou que o emprego das estratégias de polidez contribui para a construção de narrativas que suavizam enquadres de confrontos para além de caracterizar esses cenários como contextos institucionais.

Além dos cinco artigos já introduzidos, esta publicação também apresenta um relato de experiência de estágio supervisionado, escrito por Isabela de Oliveira e Júlia Bellei Xavier. Em *Reflexões sobre a atuação no espaço escolar: relato de experiência do estágio supervisionado*, as autoras discutem sua experiência como estagiárias em um colégio de aplicação e inserem o debate em uma perspectiva teórica que considera os gêneros textuais como fundamentais para a interação social. Nesse contexto, as autoras propuseram uma atividade de intervenção com o gênero charge. De acordo com elas, tal atividade se mostrou muito significativa tanto para sua própria formação docente quanto para os alunos, que tiveram seus conhecimentos prévios acionados e expectativas renovadas ao longo da atividade.

Esta breve apresentação não é capaz de dar a ver a complexidade desenvolvida nos trabalhos publicados neste volume; assim, esperamos ter criado curiosidade suficiente no leitor de modo a se sentir convidado a se debruçar sobre eles.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Maria Isabel de. **Formação do professor do ensino superior: desafios e políticas institucionais**. São Paulo: Cortez, 2012.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. O ensino de línguas no Brasil de 1978: e agora?. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 1, p. 15-29, 2001.

BOHN, Hilário I. Ensino e aprendizagem de línguas: os atores da sala de aula e a necessidade de rupturas. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Linguística aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani**. São Paulo: Parábola. v. 1, p. 79-98, 2013.

CASTAÑEDA-LONDOÑO, Adriana; SAMACÁ-BOHÓRQUEZ, Yolanda; POSADA-ORTIZ, Julia. Three Decolonial Research Methodologies: Interrogating Qualitative Research in English Language Teaching Education. **Folios**, n. 59, p. 91-111, 2024.

CHOMSKY, N. Language Teaching. In: ALLEN, J. P. B.; Buren, P. Van (Eds.). **Chomsky**. Londres: Oxford University Press, 1971. (Selected Readings.)

FONSECA, Fernanda Irene. Linguística aplicada ou linguística aplicável. In: FONSECA, Fernanda Irene et al (orgs). **A Linguística na formação do professor de português**. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto. 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz & Terra, 1997.

GADOTTI, M. **Educar para um outro mundo possível**. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

MILLER, Inés Kayon de. Formação de professores de línguas: da eficiência à reflexão crítica e ética. In: MOITA LOPES, L.P. **Linguística aplicada na modernidade recente**: festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola, p. 99-121, 2013.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006

MOTTA-ROTH, D. Letramento científico: sentidos e valores. **Notas de Pesquisa**, Santa Maria, RS, v. 1. 2011.

QUEIROZ, Luciano de. **O estado do conhecimento da investigação em Linguística Aplicada no Brasil (2001-2021)**: um estudo baseado em dissertações e teses. 2023. 184 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) — Universidade de Brasília, Brasília, 2023.